

Índice

Guia rápido em cultura visual	1
-------------------------------------	---

Guia rápido em cultura visual

Hoje, quando vivemos rodeados de ecrãs, é importante que aprendamos a entender e apreciar as imagens e o desenho. Juntamente com a formação que os livros dão, necessitamos de adquirir uma boa cultura visual. Este breve guia propõe alguns exemplos, escolhidos entre o melhor da pintura, da moda, da banda desenhada, do cinema e das capas de álbuns musicais.

“Quanto vemos?”. Com esta pergunta interpela-nos Donis A. Dondis no começo do seu livro [“La sintaxis de la imagen. Introducción al alfabeto visual”](#), Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2017, 240 págs. (edição original: “A Primer of Visual Literacy”, MIT Press, Cambridge, Massachusetts., 1973). A versão espanhola converteu-se num autêntico manual de referência; teve 25 reimpressões e há pouco tempo surgiu uma nova edição atualizada.

A partir das investigações científicas sobre a perceção visual, Dondis desenvolveu os princípios de uma teoria da composição gráfica. O seu trabalho enquadra-se nos importantes estudos que sobre estes assuntos se publicaram na segunda metade do século XX.

É uma das propostas sobre gramática visual pioneiras e fundamentais. O seu sucesso explica-se não só pelo seu rigor intelectual, como também pelo esforço de divulgação que desenvolve. Um livro visionário que nos situa perante uma nova necessidade: a alfabetização visual.

Capítulos como “Elementos básicos da comunicação visual”, “Técnicas visuais: estratégias de comunicação”... concetualizam o conhecimento intuitivo que temos da imagem. Mas é

nos dois capítulos sobre a alfabetização visual que enfrenta o tema mais importante: o antropológico e social.

Numa cultura *muito influenciada pelo ecrã, torna-se* muito difícil, para não dizer impossível, viver uma cidadana crítica, positiva, transformadora, sem uma adequada formação em cultura visual. Possivelmente, teremos de sair da zona de conforto cultural. Em contrapartida, irá melhorar o nosso desenvolvimento pessoal, teremos recursos adequados para exercer protagonismo social.

Tudo num ecrã

Depois desta reflexão, a pergunta seguinte parece pertinente: até onde deve abarcar o nosso olhar?

Se levarmos os discursos visuais para o nosso primeiro quarto do século XXI, estaríamos a falar de que uma adequada educação visual abarcaria conhecimentos mínimos que vão da pintura ao cinema, passando pelos videojogos e pela moda.

A convergência da imagem num só suporte, o do ecrã do computador, do *tablet*, e principalmente do *smartphone*, possibilita que todas as expressões visuais com os seus valores, atitudes e ideias se influenciem mutuamente à maneira de vasos comunicantes.

Abarcando um mapa de conteúdos tão extenso como apaixonante, o texto da *designer* e professora Donis A. Dondis pode servir-nos de bússola para iniciar o percurso.

Existe inúmera informação, em papel e suporte eletrónico, sobre cultura visual. As novidades que realmente o são, estão

por aí, embora não surjam tão rapidamente como nos dão a entender os títulos das notícias; o talento é um bem escasso. De entre o que há de mais influente e criativo, proponho-lhes uma brevíssima seleção.

Pintura

Feiras de Arte Contemporânea. Visitar uma feira de arte contemporânea proporciona-nos muito. Não é necessário um especialista para que venha a constituir uma experiência enriquecedora. A arte contemporânea abrange inúmeros géneros e técnicas imagináveis – inimagináveis nalguns casos: desde o realismo mais fotográfico, ao concetualismo mais puro.

A ARCO em Espanha, a arteBA na Argentina, a ArtRio no Brasil ou a Art Basel Miami nos EUA são algumas delas. Temos a oportunidade de presenciar uma vitrina da arte atual, com qualidades desiguais.

Sim, também é um mercado, mas a não ser que venhamos a comprar, não faz sentido ir perguntando pelos preços. Recomendo abandonar os preconceitos antes de entrar no recinto. Deixar-nos seduzir pelas obras que nos possam atrair de algum modo. Conhecer, refletir, discordar, desfrutar, partilhar...

Estes eventos estão bem organizados, com atividades para crianças, cafés, restaurantes. Podem ser um bom plano familiar. Na pior das hipóteses, se não tivermos possibilidade de assistir, ficamos com o catálogo.

Albert Oehlen (Alemanha, 1954). A sua obra é de grandes dimensões, abstrata. Uma abstração particular, que se move em figurações metamorfoseadas e literais da realidade. Gosta de usar a *colagem*. Inclusivamente quando não a utiliza, observam-se justaposições nos seus quadros.

Movimento, rutura, harmonia, iconicidade. São algumas das impressões que percebemos. Por vezes, observamos uma reflexão sobre a pintura, os elementos estruturais que a compõem.

Não gosta de teorizar sobre o seu trabalho: “Que cada um pense aquilo que quiser. Aborreço-me falar de significados. Não procuro entendimentos nem cumplicidades com o público. Cada qual é livre de ter as suas sensações” (“[El País](#)”, 1.2.2013).

Considerado um dos artistas mais consagrados, é fácil encontrar nas suas pinturas ecos da arte pop, do melhor da abstração do século XX e da que está para vir.

Dan Witz (EUA, 1957). Pioneiro da *street art*, foi ativista da Amnistia Internacional e músico.

“Sou um pintor académico realista, mas vivo no século XXI, pelo que não vou pintar soldados romanos invasores, ou alguma composição barroca gótica... A mais elevada aspiração de um pintor académico realista são as pinturas de figuras num grande grupo, e como tema estou a usar a cena *hardcore*” (“[Gráfica](#)”, 31.1.2018).

Assim descreve a sua pintura D. Witz, com grande senso comum, dando-nos pistas de algumas das suas fontes de inspiração. A série mais conhecida é “Mosh Pits”, que vai de 2010 a 2018. Nela põe à prova a sua capacidade de realismo, traçando imagens fascinantes das aglomerações humanas durante os concertos. Parte de fotografias tomadas ao vivo que plasmam a tensão do auditório, a estranha beleza que constroem a linguagem corporal e as expressões faciais nesses momentos. As relações humanas por vezes no limite, sempre descontroladas, dos participantes nestes tumultos.

Kris Van Assche, diretor artístico da Dior Homme, tira partido da força deste retrato social. Desenhou uma coleção completa dentro da temporada *menswear A/W 2017-18* com impressões de Witz. É uma das uniões cada vez mais numerosas e insólitas que acontecem no meio das artes. Neste caso, de uma marca de luxo com a cena musical *underground*.

Banda desenhada

“[Understanding Comics](#)” (1993). **Scott McCloud.** Um dos melhores ensaios sobre o discurso da banda desenhada que se escreveram. Fácil de ler e profundo.

O livro, um metacomic, é protagonizado pelo próprio ilustrador. A partir do cenário do seu estudo leva-nos pelos caminhos tortuosos semânticos, técnicos, da arte sequencial.

Delicioso, surpreendente. Fará com que apreciemos outra visão da banda desenhada clássica. Diria que é quase imprescindível para se fazer uma iniciação na novela gráfica contemporânea.

“[Black Dog: the Dreams of Paul Nash](#)”. **Dave McKean.** Na biografia de Paul Nash, um dos grandes artistas britânicos cuja obra abarca a Grande Guerra e os anos posteriores, McKean torna a conjugar de modo único o seu talento gráfico. Inspirando-se na arte de Nash, reinterpreta-a com variações gráficas que modificam o fio da narrativa. Não são fogos de artifício: é uma técnica que possibilita a sua habilidade artística e o seu conhecimento enciclopédico da ilustração.

Utiliza lápis, aguarelas, acrílicos, fotografias, meios digitais, com uma ampla gama de procedimentos. Uma representação

múltipla que gera uma compreensão profunda do mundo maravilhoso e terrível, sonhado e vivido por Nash. Exige uma leitura pausada, atenta aos pormenores ilustrados que narram eloquentemente a história. Estamos perante uma dessas criações nas quais a bagagem cultural importa para que a experiência seja completa. No entanto, a beleza gráfica é tão intensa que vai cativar qualquer leitor.

[“Here” \(2014\)](#). Richard McGuire. Autor polifacético. A novela decorre na sala da sua casa em página dupla, do mesmo ponto de vista, durante um arco temporal de milhões de anos.

Assombra a abordagem, e mais ainda o resultado conseguido. Com um grande laconismo, descreve-nos momentos vividos, da natureza, da história – sem cronologia no tempo, salta para diante e para trás. “Quando decidi que desenharia a casa familiar, os meus pais morreram e os meus irmãos e eu tivemos que vendê-la. Aquilo afetou muito o livro. A minha família viveu ali 50 anos, mas se pensarmos, no contexto da história do planeta, esse tempo é um instante passageiro” ([“El Periódico”, 29.11.2015](#)).

McGuire desencadeia significados inesperados em cada página que vai passando. Mexe nas nossas memórias de uma forma similar à de algumas instalações artísticas.

Admite tantas leituras, que é um livro sobre o qual se escreveu e se escreverá muito. O conhecido cartunista norte-americano Chris Ware diz dele: “Garanto que vão recordar sempre onde estavam quando o leram pela primeira vez” ([“El País”, 7.11.2015](#)).

Moda

A sua evolução no século XX foi vertiginosa, convertendo-se num dos fenómenos culturais que adquiriram maior transcendência económica e cultural. É virtualmente a expressão icónica mais omnipresente, com a capacidade de influência que isso pressupõe.

Esteticamente, vale a pena notar a integração definitiva da roupa desportiva, de ar livre, militar, com o vestuário urbano, em todas as misturas e variações de possíveis com outros estilos.

Christopher Bailey, nos seus desenhos para a coleção *menswear A/W 2016-17* da Burberry, propunha a *trench* clássica da marca como casacos e sobretudo de corte impecável, sobre fato de treino completo calçando *sneakers*. Fê-lo nos Jardins Kensington de Londres, enquanto Benjamin Clementine – um dos grandes cantores e compositores do momento –, interpretava no mesmo cenário algumas das suas canções. O resultado foi um evento cultural de primeira magnitude, um desfile que deve ser visto.

Continua a revolução tecnológica nos tecidos. Produtos de melhor rendimento, nanotecnologia e e-tecidos... estão a dar lugar a formas novas nas roupas. Ao mesmo tempo alarga-se a visão ecológica: tecidos recicláveis ou feitos com materiais reciclados, roupas de longa duração...

Inclusivamente, a *fast fashion* ou moda *low-cost* adotou estes valores. Mesmo que continue a ser uma indústria polémica não se podem negar as melhorias que introduziram nas suas cadeias produtivas, paralelamente à riqueza que ajuda a distribuir. As empresas mais relevantes do setor regulam cada vez com maior equidade o trabalho e as condições ambientais de fabrico. O seu principal contributo cultural reside em ter democratizado a moda. À margem da superficialidade e de mudanças excessivas, estas empresas ajudam na educação estética do consumidor. Com preços baixos possibilitam aos cidadãos participar da moda, auto-expressarem-se com ela, rompendo as barreiras sociais que suscitava a falta de *design* na roupa barata. E vestir dignamente com poucos recursos económicos.

Cinema

Encontramos na cultura atual um conceito recorrente, que costuma igualmente acompanhar revoluções estéticas gerando transformações globais. É a *transgressão*.

Talvez o único aspeto que nos venha à cabeça seja a sua aceitação negativa; não obstante, falamos de um valor autêntico. Às vezes existem mudanças na sociedade tão necessárias e difíceis que a transgressão se torna inevitável.

Infelizmente, é mais frequente encontrar a sua versão fácil, degradante. Aquela que utiliza como recursos para conseguí-la a ofensa, o sexo, a violência, ou o parasitismo cultural.

Nem sempre é assim. Na minha seleção de cinema quero mostrar três exemplos recentes onde a transgressão tem um papel importante. É conseguida com criatividade, aplicando diferentes táticas.

[“O Filho de Saul” \(2015\)](#). László Nemes. Saul Ausländer integra o Sonderkommando do campo de concentração de Auschwitz: um grupo de judeus que, em troca de viver mais algum tempo, ajudam os nazis a levar os presos para as câmaras de gás e a eliminar os seus corpos. Nesta rotina noturna, o protagonista acredita ter reconhecido o cadáver do seu filho e tentará enterrá-lo com um rito funerário que deveria ser presidido por um rabino.

Em princípio, a abordagem é surrealista, quase poderíamos dizer demencial, acaso não se tivesse em conta a realidade histórica e o hiperrealismo visual que envolve tudo. O filme, rodado em formato 4/3, fere. Estimula um efeito sinestésico

que nos faz cheirar, quase apalpar a carne humana. Vamos presenciar o horror dos campos de extermínio como nunca; isso sim, desfocado: entendendo perfeitamente aquilo que vemos, mas distanciando-nos do mórbido, num respeito pelo espectador que é possível entender como ferramenta expressiva. O foco da câmara centra-se apenas em Saul e nos seus companheiros. No seu empenho por fazer valer a dignidade de um corpo – o de todos – entre as montanhas de cadáveres que se queimam através de pás como se fossem lixo. Vimos poucas vezes tanta humanidade no meio de tanto horror.

Ganhou o Grande Prémio do Júri no Festival de Cannes (2015) e o Óscar para o melhor filme estrangeiro (2016).

“O Quadrado” (2017). Ruben Östlund. Christian é o inteligente e idealista curador-chefe do X-Royal Museum de Estocolmo, importante centro de arte contemporânea. O último projeto que vai dirigir, “O Quadrado”, criará uma grande polémica. Christian terá de resolver esta situação, além de problemas imprevisíveis ao ser vítima de um roubo na rua.

Östlund satiriza a arte contemporânea e aquilo que gira em torno dela. Fá-lo com inteligência. É verdade que a crítica e o humor – muito nórdicos – estão continuamente presentes, mas também é verdade que o filme pormenoriza de modo pertinente aspetos valiosos do mundo da arte, das suas instituições culturais. Conhece-os bem porque ele é artista e expôs. Durante uma entrevista comentava que a *performance* que acontece no jantar, tinha-a imaginado e teria gostado de a fazer nalguma refeição durante o Festival de Cannes.

Merece a pena sublinhar o tratamento da imigração. Com uma sinceridade pouco comum mostra-nos o seu rosto e a sua cruz.

Ganhou a Palma de Ouro em Cannes (2017).

“Jeannette, L’ Enfance de Jeanne D’ Arc” (2017). Bruno Dumont. França, 1425. Durante a Guerra dos Cem Anos, a pequena Jeannette cuida do seu rebanho na localidade de Domrémy. Mesmo sendo uma menina, está indignada com o sofrimento que é provocado pelos ingleses. Uma série de aparições sobrenaturais e a sua fé irão guiá-la anos mais tarde para lutar pela salvação do seu país, convertendo-se em Joana d’ Arc.

Será possível contar a infância de santa Joana d’ Arc com música *heavy metal*, *rap* e dançando? Depois de ver o filme, a resposta não pode ser outra a não ser sim. O impressionante é que o realizador fá-lo sem cair na vulgaridade, no mau gosto, sem distorcer a realidade.

Para o conseguir, Dumont escreveu as letras dos diálogos e canções com uma seleção de textos de Charles Péguy sobre a santa. As coreografias são de Philippe Decouflé. A música, do eclético compositor francês Igorrr.

Neste musical minimalista, sem atores profissionais, a transgressão funciona a diversos níveis. Um é o anacronismo musical, com os valores associados a essa música em face dos que encarna no filme. Outro, o que Dumont descreve assim: “Quando vemos uma menina a recitar a complexa poesia de Péguy, gera-se um desajustamento, uma desproporção. Daí surge a arte: dessa deformidade emerge a poesia” (“[Fotogramas](#)”, [março 2018](#)). E outro ligado às coreografias: “A imagem da pequena Joana a praticar o *headbanging* (o agitar de cabeças dos adeptos de *heavy metal*) é uma expressão do inefável, liga-nos à sua alma de um modo profundo”. São as palavras do realizador que revelam algumas das chaves para concluir com sucesso um projeto tão arriscado.

J. R. G.